



# POETIZAR

*Revista de Contos, Crônicas e Poesias*



*Caro (a) leitor (a),*

*Esperamos que a cada leitura, sensibilize, provoque reflexão, faça rir, se emocionar, enfim...*

*“Os tempos em que o tempo não contava, em que o artesão ia entalhando, escupindo como se imitasse a paciente obra da natureza, obtendo tonalidades novas com uma série de camadas sutis e transparentes”.*

BOSSI, Ecléa, Memória e sociedade – lembranças de velho, 3ed. São Paulo: Cia das letras, 1994.


---

### *Sobre a revista*

*A Poetizar, Revista de Contos, Crônicas e Poesias é um projeto de extensão da Universidade Federal do Espírito Santo - Campus São Mateus, que abre espaço para publicação de contos, crônicas e poesias escritas por você, com objetivo de divulgá-los para o público-alvo que acessa a revista.*

*Crie sua arte e venha Poetizar conosco!*

*Curta Nossa fanpage*

*Revista poetizar* 

*Instagram: revista\_poetizar*

*Contato: revistapoetizar@gmail.com*

*Equipe  
POETIZAR,*

# Sumário

CONTOS .....	4
<i>A menina muguinha</i> .....	5
<i>Doce infância</i> .....	13
<i>A saudade de uma bela amizade</i> .....	18
<i>Memórias</i> .....	25
CRÔNICAS .....	27
<i>Uma crônica</i> .....	28
POESIAS .....	29
<i>Excesso de coragem</i> .....	30
<i>Descontrolado em tranquilidade</i> .....	30
<i>Liberdade</i> .....	31
<i>(sem título)</i> .....	31
<i>(haikai)</i> .....	32
<i>(haikai)</i> .....	32

The page features abstract teal-colored shapes at the top and bottom, consisting of overlapping rectangular and wavy-edged forms in various shades of blue and green. The central text is set against a plain white background.

# *CONTOS*

## *A menina muguinha*

*Aline coutinho*

O ano era 2014 quando ouvi uma das mais tristes histórias contada pela minha mãe sobre a menina Muguinha, assim era chamada por um apelido que muitos conheciam, mas nome mesmo ela não tinha. Era uma criança negra e magra, chamava atenção por ter os cabelos crespos e cheios. Tinha um rosto de boneca e todos diziam que ela era uma criança muito bela.

A menina Muguinha nasceu em uma maternidade, sabe lá Deus onde, de origem pobre e pais complicados. A mãe fugiu da maternidade assim que a filha nasceu, o motivo ninguém sabe, mas ela levou consigo a bebê antes ser liberada pelos médicos. A menina não foi registrada no cartório, sempre foi conhecida pela vizinhança pelo apelido de Muguinha, o qual todos pensavam ser o nome verdadeiro dela.

Na época a menina Muguinha devia ter uns 8 anos de idade, vivia com seus pais, a mãe era uma alcoólatra que se chamava Vânia, vivia de programas que fazia nas noites frias. O pai se chamava Wilson, um homem desempregado que fazia furtos para atender as suas necessidades de usar drogas e ao mesmo tempo comprar mantimentos para a família. A irmã mais nova tinha acabado de nascer, essa foi registrada no cartório, tinha nome, mas também passou a ser mais conhecida pelo apelido de Neguinha.

Muguinha conheceu o lado sofrido da vida muito cedo, sempre viveu uma realidade dura e pesada ao mesmo tempo para a idade dela. Ao longo dos seus oito anos de vida presenciou diversos momentos de brigas e confusões de seus pais. O pai sempre que usava drogas voltava para casa transformado, e como a mãe era alcoólatra, os dois perdiam a noção, era gritaria pra todo lado, a vizinhança assustada saía para a rua e ficava em frente à casa da família. Os vizinhos mais chegados entravam na casa para tentar impedir que o pior acontecesse. O mãe era durona, e ai se o marido ousasse a levantar a mão para bater nela, (e ele ousava...), tanto que batia, dava pontapés e chegava a pegar uma faca para ameaçá-la.

Ahh, e a pobre menina Muguinha presenciava tudo, aos prantos ela ficava perto da mãe, implorando ao pai que não fizesse nada. Ela chorava tanto que os olhinhos ficavam inchados, a boca seca e o corpinho trêmulo, com medo de que o pior acontecesse.

A irmã que nascera a pouco tempo, passava a maior parte do tempo dormindo, mas acordava com a confusão, e aí misturava o choro com a gritaria da briga. A menina Muguinha corria para perto da irmã, passava a mão no rostinho dela para tentar acalmá-la, a casa tinha apenas três cômodos, então ela levava a irmã para os fundos onde não dava pra se ouvir tanto as gritarias, e mesmo assim ela ainda ouvia.

A menina Muguinha já estava acostumada a presenciar as brigas dos pais, para ela já era comum. E era sempre do mesmo jeito: álcool, drogas e brigas. Os vizinhos mais chegados e conhecidos da família também já estavam acostumados, nem chamavam mais o camburão de polícia por que sabiam que aqueles momentos se repetiam praticamente em todos os finais de semana. Bastava o pai conseguir uma grana com os furtos que a confusão estava garantida. A mãe já tinha um gênio forte, quando bebia ficava pior ainda.

A família vivia dos furtos do pai, e também dos programas que a mãe fazia umas três vezes na semana, sim, antes era quase a semana inteira, mas depois que a bebê nasceu a mãe resolveu diminuir. Eles também recebiam cestas básicas que a vizinhança organizava para ajudar. A casa de três cômodos era própria, simples, com as paredes rachadas, para não pagar energia o pai fizera um gato de energia elétrica.

A menina Muguinha tinha a liberdade de brincar com as crianças de sua rua depois que terminava de ajudar a mãe nos afazeres de casa, passava todo restante do tempo na rua de sua casa brincando com os colegas. Quando a fome apertava, ela corria para a casa em busca de algo para comer, e quase sempre era a mesma coisa, biscoito com suco de saquinho, aqueles mais baratinhos que a mãe recebia na cesta básica e usava até acabar. Mas não era sempre que Muguinha tinha esse privilégio de tomar um café da tarde em sua

casa. Quando não tinha nada em casa, ela ficava com fome ou esperava que a mãe de algum colega desse a ela alguma coisa para comer.

A mãe de Muguinha não deixava ela entrar na casa de ninguém, a menina sempre brincava na rua, mas a mãe sempre a espiava pela janela. Ela tinha medo de que o pessoal do conselho tutelar descobrisse que a filha não tinha a certidão de nascimento, ela seria presa na certa. As poucas pessoas que sabiam desse segredo eram duas vizinhas mais próximas e amigas dela.

E como a minha mãe descobriu toda essa história? Ahh, eu também a fiz essa pergunta. Ela descobriu por que conheceu uma dessas amigas da mãe de Muguinha que contou tudo nos mínimos detalhes. E qual foi a reação da minha mãe? A mesma que a minha, ela contou que não conseguia nem acreditar, mas no fundo sabia que podia ser verdade, afinal, essa realidade que achamos ser tão distante pode estar próxima de nós.

Muguinha era uma criança muito esperta, cuidava da irmã por diversas vezes, ajudava a mãe a preparar a comida e limpava a casa. Ela era tão nova e já tinha uma responsabilidade de gente grande. Apesar de ser tão empenhada, ainda apanhava quando fazia coisas que não agradava a mãe. Levava chineladas e também apanhava com a famosa vara do pé de acerola. A vara era tão usada que já estava torta, a mãe dela podia pegar outra, mas preferia aquela mesma, parecia até que tinha se apegado com aquele objeto de tortura. Quando não apanhava de chinelada ou de vara, a mãe pegava o cinto do pai na intenção de “corrigir” a pobre menina.

Certo dia, Muguinha levou uma das piores surras de sua vida por ter respondido a sua mãe. A mãe de Muguinha estava conversando com sua amiga sentada na calçada e a filha estava brincando com duas amigas na rua, ela estava se divertindo, dando altas risadas, quando de repente a mãe dela a chamou.

– Venha cá, Muguinha. Vá pegar um copo de café para a vizinha e para mim.

– Espera aí mãe, tenho que dar de comer a minha filhinha (a boneca que ela estava brincando).

– Estou mandando, depois você brinca.

– Espera um pouco (respondeu em um tom mais grosso). Não posso nem brincar em paz.

A mãe da menina se irritou por que a filha não atendeu o seu pedido, ainda mais por que estava com uma amiga por perto. Nesse momento, ela se levantou bruscamente, sacudiu a saia e entrou para a casa. Muguinha achou que a mãe tinha ido buscar o café que queria, mas ela se enganou. Vânia voltou com a vara torta que usava para bater na filha, Muguinha continuava brincando, quando de repente...

– Agora venha aqui, garota. Vai aprender a obedecer a sua mãe.

A amiga de Vânia que estava do lado até pediu para ela não bater na filha, mas também já sabia que sua opinião não valia de nada nesses momentos. Muguinha virou a cabecinha para trás, os seus olhos voltaram para a vara torta que estava na mão de sua mãe e suplicou:

– Desculpa, mãe. Não me bata, eu só queria brincar um pouquinho.

Vânia a respondeu grosseiramente:

– Quem você pensa que é pra me desrespeitar? Acha que está falando com suas amiguinhas?

– Desculpa, eu pego o café para a senhora, me desculpa mãezinha – respondeu Muguinha.

Não demorou muito e Vânia se aproximou de Muguinha, a menina estava tão desesperada que ficou sem reação. Vânia deu cinco chicotadas seguidas nas costas da filha que saiu pulando de dor. As amigas de Muguinha ficaram espantadas e aos pouquinhos iam se distanciando da confusão.



– Isso é pra você aprender a me ouvir, devolve a boneca a sua amiga e passa pra dentro por que você está de castigo.

Muguinha entrou pra casa e a mãe foi junto, obviamente que ela bateu mais na filha, do lado de fora só se ouvia os choros e soluços.

Essa foi uma das piores surras que Muguinha levou, além de ter sido com a vara que mais doía, foi na frente de suas amiguinhas, o que fez a menina se sentir pior ainda. Apesar de estar acostumada a apanhar com frequência e por qualquer motivo, a menina sempre tentava evitar o quanto podia, chegava a suplicar para a mãe, mas no fundo ela mesmo sabia que era em vão. Ela conhecia o jeito bravo da mãe, e era justamente por esse motivo que se desdobrava para não deixá-la irritada.

O pai de Muguinha era bem novo, quase não parava em casa, apesar de também bater na filha, ele demonstrava mais afeto do que Vânia. Ele sempre falava que iria mudar de vida, arrumar um emprego de carteira assinada e tirar a família dele daquela situação. Os vizinhos tentavam ajudar a família do jeito que podiam, até arrumavam bicos para Vilson ganhar uma grana de forma honesta. Ele sempre entrava em algumas obras, o pessoal o chamava por que ele era um bom ajudante de pedreiro, mas infelizmente ele terminava o serviço e na maioria das vezes usava o dinheiro para satisfazer o seu vício.

Vilson era um homem que se preocupava com a família, quando o vício não falava mais alto, ele sempre lembrava de passar no supermercado para comprar biscoito recheado para a filha, ele sabia que ela amava. Quando ele chegava em casa com a sacola de supermercado, Muguinha corria para perto dele na esperança de receber o seu biscoito recheado, quando recebia, ela dividia com a mãe e com quem estivesse perto dela. Muito boazinha, as vezes ela chegava a comer apenas três por que oferecia aos colegas.

Quando Vilson se irritava com Muguinha, a primeira coisa que ele pegava era o cinto e a filha já ficava assustada. Apesar de ser mais afetuoso do que Vânia, ele também já deu diversas surras na menina, uma delas ficou marcada por

que foi no momento em que ele havia se drogado e descontou toda a raiva na filha por ela ter ficado do lado de sua mãe em uma discussão entre os dois.

– Muguinha, vá para o quarto. (Nesse momento ele já estava drogado).

– Não, pai. Quero ficar aqui com a mamãe.

– Vá já para o quarto, menina. Quero ter uma conversa com sua mãe.

– O senhor está brigando com ela, quer bater nela, eu quero ficar aqui com a mamãe.

Vânia sabia como era o marido drogado, sabia que ele era capaz de qualquer coisa, então ela mesma mandou a filha se retirar.

– Vá minha filha, seu pai está mandando.

Vilson já estava irritado com a desobediência da filha, Muguinha ficou trêmula de tanto medo, sabia que ia apanhar e mesmo assim não quis sair do lado da mãe. A discussão entre eles aumentou, a menina ficou de perto presenciando tudo aos prantos, o pai puxou o cinto da calça e bateu na filha na frente da mãe, Vânia entrou na frente, não demorou muito e a mãe também foi agredida com pontapés. A menina aos prantos suplicava ao pai:

– Não bate nela, pai... Por favor.

Vilson descontrolado deu cintadas na filha e a levou para o quarto, o único quarto da casa onde a bebê estava dormindo (e ela tinha um sono muito pesado). Muguinha entrou chorando e foi para perto da irmã, chorava tanto que as lágrimas caíam no rostinho da bebê, a menina deu beijos nela e ali ficou ouvindo toda a discussão.

Ahh, quantas vezes Muguinha já presenciou brigas como essas, quantas vezes essa pobre menina sofreu e chorou com medo de que o pior acontecesse, ela era valente e ao mesmo tempo tinha muito medo. Medo do pai, medo da mãe. Nesses momentos ela se sentia muito sozinha, é como se os próprios pais tivessem virado seus inimigos, e como ela sofria com isso.

A família nunca chegou a fazer um passeio juntos, nunca tiveram um momento de felicidade em união. Muguinha mal conhecia o bairro em que morava, os momentos em que saía era acompanhada da mãe ou do pai para ir ao supermercado ou em festinhas de aniversários dos colegas, e ela voltava para a casa cheia de doces e bolas.

A menina Muguinha nunca foi a um consultório médico. Toda vez que ela ficava doente a mãe dava um jeito de comprar remédios na farmácia ou usava plantas para fazer remédio caseiro. Para cada sintoma apresentado pela menina, a mãe sabia de um remédio específico, e deu certo por mais de oito anos, a vida toda Muguinha recebeu as orientações da mãe para que não fosse necessário a levar em um posto de saúde.

Muguinha nunca havia frequentado uma escola, não tinha nem como ela ser matriculada por não ter um nome registrado. Com oito anos de idade ela via os seus colegas indo para a escola e sempre pedia a mãe para levá-la também. A mãe podia até ser durona, mas ao mesmo tinha um coração mole e se tocava com o pedido da filha. Por diversas vezes Vânia desabafou com suas amigas sobre a missão tão difícil de esconder esse segredo a sete chaves. E ela recebia diversos conselhos para acabar com essa situação, mas o medo sempre falava mais alto, mesmo sabendo que teria o apoio das pessoas que estavam do seu lado. Por mais que a situação fosse crítica, as amigas dela não tinham a intenção de denunciá-la.

E assim a menina Muguinha viveu a sua infância, como se fosse uma fugitiva sem ter cometido nenhum crime. Muguinha já deve ter entrando na fase da adolescência. Por onde ela anda? Como será que ela e a família estão? Será que ainda vive escondida como uma fugitiva? Ou será que agora tem a sua identidade? (Perguntas sem respostas).

Ouvi essa história pela primeira vez no ano de 2014 e nunca a esqueci, e novamente recentemente com os mínimos detalhes contados pela minha mãe. Fiquei me fazendo essas e outras milhares de perguntas sobre essa criança que teve uma infância sofrida e silenciada, assim como diversas crianças têm

nos dias de hoje. Uma história triste, sobre uma menina que tinha tudo para ter tido uma infância digna como qualquer outra, mas que infelizmente sofreu as dores da mãe. A menina Muguinha não tinha a sua própria identidade, vivia sem existir.

## *Doce infância*

*Rafaela dos Santos Ribeiro*

— De novo não! — disse para mim mesma. Tenho a impressão que a minha mãe passa mais tempo no hospital com a minha irmã do que em casa. Minha irmã Ana nasceu com sinusite, e fica um grande tempo dentro do hospital desde então, não a vejo com muita frequência, e muito menos a minha mãe. Sinto falta das duas. Quando não estão no hospital, ficam na casa da minha avó paterna, sendo muito bem cuidadas lá. Mas acho que faço mais visitas a elas do que realmente viver ao lado delas. Um dia vi minha mãe, não muito alta e não muito magra, cabelos pretos com alguns cachinhos e uma personalidade forte, dizer que já não aguentava tanto sofrimento assim, orava e orava pela pequena Ana, ansiando por uma melhora. Apesar da falta que sinto das duas, não as culpo, sei que elas não são culpadas de nada, mas acho que sentir falta é normal.

Um dia estava me preparando para ir para a escola, aquele dia era um dos raros que a minha mãe estava em casa, preparou o meu almoço e meu lanche, mas não foi tão perfeito assim, pois descobri que era a minha tia Lizzy que me levaria para a escola de bicicleta.

— Mãeee!! Tem certeza que não pode me levar para a escola?? — perguntei, pedindo um socorro dentro daqueles olhos pretos profundos.

— Sim, filha. Preciso ir ao hospital ficar com a sua irmã, lembra? O médico disse que ela está tendo melhoras, talvez logo logo ela esteja aqui em casa conosco. Isso não é uma notícia boa?

— É mamãe, não vejo a hora da Ana estar em casa. — confirmei, sentido na verdade um desapontamento, não por ter a minha irmã em casa, mas por mais uma vez não ter a minha mãe por perto.

Minha tia pegou a bicicleta e me colocou na frente dela, sentada em cima do guidão. Meu Deus que horror! A bicicleta não tinha nem garupa! Doía meu bumbum, Meu Deus, ninguém merece ir para a escola assim, e sem contar da vergonha que é chegar assim na escola. Mas para o meu alívio, não tinha nenhum engraçadinho que ria de mim, Ufa! Cheguei na escola, minha tia me levou para a minha sala. Tenho que confessar uma coisa. Apesar da viagem humilhante até a escola, eu amo estar lá. Meus amigos são incríveis, e eu amo a minha professora. Tia Janine. Me sentei em uma mesa onde estava a Ranni, a Ingrid e a Maria Gabriela. Me envolvi na conversa delas, que falavam sobre o desfile do dia 7 de setembro que aconteceria. Não dava nem para acreditar, eu ia desfilhar de princesa! Não imaginava que ia ser um personagem tão legal, no mínimo achava que ia ser uma flor qualquer.

— Estou tão empolgada meninassssss!!! Vai ser muito legal o desfile. E você vai ser uma fada incrível Ingrid.

— Minha mãe disse que fadas não são tão boas assim. — Ingrid disse triste

— Claro que são. São iguais aos dos filmes! Lembra do filme que assistimos na sua casa? Adoraria ser uma fada. — Ranni concluiu.

Pelo canto dos olhos vi o Danilo, o menino mais lindo da sala, e que por sinal todas as meninas tinham uma queda por ele. Mas nem tudo é um conto de fadas, acho que ele gostava da Ingrid. A doce e simples Ingrid, com cabelos curtos loiros, usava óculos, mas não deixava de ser linda, tenho que confessar. Mas tudo bem, não há para que se desesperar, talvez ele nem goste dela tanto assim. Na hora do recreio, estava brincando no parquinho com a Ranni e a Gabriela, me divertindo muito, imaginando mil e uma coisas. Mas sentimos falta de algo, ou melhor, de alguém. Avistamos a Ingrid sozinha em um canto e então fomos correndo até ela, ou melhor, eu fui correndo de uma forma bem engraçada para fazê-la rir, e não é que funcionou? Ela caiu na gargalhada, e por mais que eu tenha feito um papel de boba, fiquei feliz por deixá-la contente. Uma coisa que descobri é que detesto ver alguém triste, já basta o que vejo em casa. Perguntamos o porquê de ela estar assim, ela disse que ainda estava

desse jeito por ter que ser uma fada no desfile, e que a mãe dela não ia gostar nada disso. Meu Deus, os adultos são bobos! Como já se viu uma fada não ser legal? Provavelmente a mãe da Ingrid não assistiu aquele filme direito.

— Ingrid, tenho certeza que quando a sua mãe te ver vestida de fada vai mudar de ideia. Você vai ficar linda. Não pense essas coisas. — disse, tentando consolá-la.

— Ai Clara, minha mãe não gosta muito de tudo o que faço e queria deixá-la feliz ao menos uma vez.

— E você vai deixar, pode ter certeza. — Gabi concluiu por fim, e todas nós concordamos.

Passamos o resto da tarde tentando animar a Ingrid, que no fim do dia já estava sorrindo outra vez. Quando a mãe dela chegou para buscá-la, fomos todas nós correndo falar para a dona Lúcia que ela seria a fada mais linda e que nós adoraríamos ser uma fadinha. Ingrid toda insegura, olhou para mãe, a qual retribuiu o olhar com um singelo sorriso. Meu pai foi me buscar, segurei a mão dele e fomos embora. Ele não é muito de conversa, mas eu ficava olhando toda hora para ele, talvez ele teria alguma notícia sobre a Ana e a minha mãe. Nada, nem uma palavra. Será que a Ana melhorou mesmo? A mamãe estaria em casa? Fiquei feliz com essas possibilidades, assim a mamãe poderia me levar para a escola amanhã, e depois teríamos tempo uma para a outra. Não vejo a hora de chegar em casa. Porém, ao chegar em casa, tudo o que vi foi a minha irmã mais velha, Renata, na cozinha preparando o café.

— Rêêê! — abracei ela. – A mamãe já chegou junto com a Ana?

— Não Clara, a mamãe irá dormir no hospital novamente.

— Mas ela disse que a Ana melhorou.

— Que melhorou ou que está melhorando? — disse com a cara de brincalhona.

— Não é a mesma coisa? Então pronto.

— Dizem que quem acredita em coisas boas elas logo acontecem, sabia Clara? — de novo Renata com essas fantasias. Se fosse assim a mamãe e a Ana já estariam em casa. Apenas balancei a cabeça concordando. Passei a noite toda assistindo até dar a hora de dormir, mas antes de pegar no sono pensei em coisas boas e lá no fundo do meu coração acreditei que logo a minha irmã melhoraria. Afinal, acreditar em coisas boas isso logo se realiza não é? Não custa nada tentar mais uma vez.

No dia seguinte, acordei e pensei novamente nas coisas boas, talvez seria hoje a realização. Pela hora que julguei que seria, o meu pai já havia saído para trabalhar, minha irmã já teria ido estudar, e o que me restou enfim, era a minha tia sentada na sala, me dizendo que ela pegaria o meu café da manhã. A tia Lizzy não era tão ruim assim, não me levou a mal, mas ela não era a minha mãe ou a minha irmã Ana, e a presença da minha tia significava a ausência das duas. Então não era uma coisa tão legal assim. Mas gostava da tia Lizzy, ela era engraçada mas brava e de mal humor as vezes, vai entender. Comecei a tomar o meu café da manhã, mas pra minha sorte ou azar a minha tia não estava em seus melhores dias, mandou eu me apressar porque ela não tinha todo o tempo do mundo e que precisava ir no centro da cidade e que me levaria. Idas ao centro com a minha tia significava voltas e voltas sem parar pela cidade e no final dores nas pernas, talvez as coisas boas não iriam acontecer hoje, ou talvez sim, quem sabe?

Ao chegar na escola, as preparações estavam a mil para o desfile, tinha me esquecido que o desfile era amanhã.

— Claraaa!! — disse a professora Janine. — graças a Deus você chegou. Olá Lizzy, tudo bom? Amanhã é o desfile, precisamos que a Clara vista a fantasia para ver se está tudo certo.



— Ah, sim! Ok, vou deixá-las trabalhar. Amanhã nos vemos então. — fiquei surpresa com isso, minha tia vai ao desfile! Assim espero que o humor dela mude.

Provei a fantasia. Tudo certo. As meninas ficaram lindas nas suas, inclusive a Ingrid. Danilo veio até nós e nos chamou para brincar com as fantasias, quando íamos começar a brincadeira...

— Meninooos! Não! Cuidado, não pode haver nenhum dano nas fantasias. Tirem, amanhã vocês terão tempo de sobra depois do desfile para brincarem como quiserem. — tiramos e fizemos todas as nossas atividades do dia, ao fim da tarde os pais vieram buscar seus filhos. “Meu pai está demorando” pensei, mas para a minha enorme surpresa, lá estava a Ana, minha mãe, meu pai e a Renata. Sai correndo para abraçar a Ana.

— Anaaaaaaaaaaa! — abaixei para abraça-la. — não acredito, você saiu do hospital! Mãaae! — abracei ela também. — todos vocês poderão ir ao desfile amanhã. Que legal!

Fizemos várias coisas naquela noite, saímos para passear pela cidade, e olha que impressionante, minhas pernas não doeram. Lanchamos e voltamos para casa, ao chegar assistimos algumas coisas na televisão e fomos deitar e então agradei pelas coisas boas que aconteceram hoje. Afinal, coisas boas realmente acontecem. Ao amanhecer me preparei para o grande dia, o desfile. Fomos todos juntos, e aproveitamos a alegria de estarmos todos juntos em família e até a tia Lizzy estava de bom humor hoje. Uma coisa boa ao quadrado.

## *A saudade de uma bela amizade*

*Camila Duarte*

Mamãe era uma senhora de voz firme, mulata, que estava sempre brigando com os quatro filhos, Joana que tinha onze anos, era a mais velha, Rosa que sou eu, tinha nove anos, Marinalva com oito anos e Juninho com seis anos, as férias escolares já estavam acabando. Papai, era mais calmo e atencioso, quase não brigava com a gente, brigou umas poucas vezes comigo. Morávamos na capital do Espírito Santo, numa casinha pequena, com poucos cômodos.

– Rosinha, venha cá! – gritou mamãe da cozinha.

– Já vou! – saí correndo e fui em direção ao cômodo em que mamãe estava. – Pode falar.

– O seu tio Gildo está chamando você para ir dormir na casa dele, pois ele vai passar uma noite fora.

– Não quero ir mamãe. – respondi morrendo de medo com o que viria em seguida.

– Você não tem que querer! O seu tio precisa de você para ajudar a sua tia na casa, ele vai trabalhar fora, e não tem ninguém para ajudar. – respondeu mamãe já nervosa.

– Por que só eu tenho que ir? Manda a Joana, ou a Marinalva.

– Não! O seu tio falou você! Vá logo arrumar as suas coisas. Anda! – falou ainda mais nervosa.

Fui correndo com os olhos cheios de lágrimas para o quarto. Não queria ir para casa do tio Gildo e daquela mulher dele, pois já sabia exatamente o que ia acontecer, o que sempre acontecia quando eu ia. Arrumei a minha bolsa bem devagar, queria que mamãe aparecesse no quarto falando que ele não viria mais. Mas depois de alguns minutos, ouço uma voz rouca e vejo um homem aparecendo na porta do quarto, era o tio Gildo.

– Rosinha! Tudo bem? Já arrumou as suas coisas? – perguntou.

– Já sim. Mas por que as outras meninas não vão tio? – perguntei já esperando a resposta.

– Porque a sua tia gosta mais de você minha linda. Vamos?! – chamou, estendendo as mãos.

Fiquei cabisbaixa, peguei as minhas coisas, me despedi dos meus irmãos e dos meus pais quase chorando, mas segurei ao máximo o choro, pois sei que se eu chorasse, levaria umas palmadas, o que seria bem pior. Eu não tinha vontade alguma de ir para a casa de tio.

Quando chegamos na casa dele, apareceu a minha tia Paula com a sua filha Bruna de dois anos nos braços.

– Bruninha! – gritei e saí correndo em direção aquela criaturinha.

– Tome, pegue ela! – falou tia Paula já me entregando Bruninha.

– Bença tia? – falei, já estendendo a mão.

– Deus lhe abençoe! – respondeu tia Paula.

Peguei Bruninha e fui em direção à sala. A casa de titio era muito bonita e enorme, possuía vários cômodos, dava até para brincar de se esconder. Quando estava brincando com a Bruninha, titio apareceu e se despediu da gente. Fomos até o quintal e ficamos observando ele se distanciando.

– Rosa! – surgiu um grito vindo de dentro da casa.

– Estou indo. – respondi sem nenhuma vontade de entrar naquela casa. Assim que cheguei no quarto de Bruna, tia Paula estava sentada no chão dobrando as roupas da menina.

– Pegue a vassoura e passe na casa para mim! Depois você brinca com Bruninha. – ordenou.

– Tá bom. – respondi sem ânimo.

Fui até a cozinha, peguei a vassoura e comecei a varrer a casa. Varria com tanta pressa, pois queria terminar logo pra poder brincar. Primeiro limpei os quartos, depois a cozinha, e por último a sala. Depois de alguns minutos, voltei para o quarto onde estava titia.

– Pronto tia, já varri a casa toda. Cadê Bruninha? – perguntei procurando pela menina. – Ela está no meu quarto dormindo. Não ousa ir até lá, porque foi uma luta para que ela conseguisse dormir. – falou num tom agressivo.

– Está bem. Posso ir brincar no quintal? – perguntei já indo em direção à porta.

– Não! Tem mais coisas pra você fazer. – respondeu.

– O que mais eu tenho que fazer?

- Rosa, a pia está cheia de pratos sujos e o banheiro está fedendo.
- Mas eu tenho que lavar o banheiro também?
- Sim ué! O banheiro também. – respondeu tia Paula.
- Ah deixe de preguiça! Eu na sua idade já fazia de tudo. Vocês têm muita mordomia na sua casa. A sua irmã Joana não sabe nem fazer arroz. – continuou falando.
- Quem dera se tivéssemos mordomia mesmo. Só quero ver como que a senhora vai se virar quando nos mudarmos daqui depois de amanhã. – respondi ironicamente.
- Pare de me responder, sua respondona! Vá já fazer as coisas que lhe pedi. Ande! – ordenou já nervosa.
- Saí do quarto e fui até a cozinha lavar as louças que estavam sujas. Fiquei tão nervosa que deixei um prato de porcelana cair no chão. Fiquei paralisada sem saber o que fazer.
- O que você fez menina?! Tem ideia do quanto esse prato me custou? – perguntou tia Paula com um chinelo na mão.
- Foi sem querer tia, eu não tive a intenção, foi sem querer. Desculpa!
- Desculpa? Você acha que uma desculpa vai consertar o que você fez? Venha aqui agora. – veio em minha direção, já na intenção de me bater.
- Tia Paula me bateu tanto, que fiquei vermelha de muito chorar. Depois das chineladas, me mandou ir para o quarto e ficar quieta. Fiquei lá trancada até a hora da janta, que foi no momento que tia Paula apareceu me chamando para ir jantar. Eu recusei, não queria jantar, não queria nem olhar para o rosto daquela mulher. Só ficava me perguntando: “Como que alguém que dizia gostar tanto de mim, me tratou daquele jeito por causa de um prato quebrado?” Fiquei pensando no que havia acontecido por um longo tempo, até que adormeci. Acordei com uma enorme vontade de comer algo, podia ser qualquer coisa. Levantei da cama, fui até a cozinha e me deparei com titio tomando café em pé.
- Bença tio? – cheguei perto de tio Gildo e lhe estendi a mão.
- Deus lhe abençoe! Gostou de ficar com sua tia e Bruninha? – perguntou sem saber o que havia acontecido.
- Ainda tem café? – perguntei tentando mudar de assunto.

– Tem sim. Tome o seu café, logo te levo para casa.

Tomei o meu café rapidamente, estava com muita vontade de ir embora dali. Eu gostava muito de titio, mas da mulher dele, nem um pouquinho. Sem contar na saudade que estava sentindo dos meus pais e dos meus irmãos. Passados alguns minutos, eu mesma pedi para que ele me levasse para casa. Foi então, que arrumei as minhas coisas, me despedi de Bruninha dando um abraço bem apertado, já tia Paula, só lhe estendi a mão e pedi a benção. Entrei no carro e o silêncio tomou conta de toda a viagem. Quando cheguei em frente de casa, me despedi de titio e saí correndo entrando pela porta.

– Voltei! – dei um grito bem alto, que todos escutaram e foram em minha direção.

– Rosinha! – veio Joana correndo.

– Bença mãe? Bença pai? – falei estendendo as mãos.

– Deus lhe abençoe! - respondeu papai e mamãe.

– Cadê Juninho e Marialva? – perguntei olhando em volta.

– Ainda estão dormindo. – respondeu papai.

“O quê? Juninho e Marinalva ainda estão dormindo? Como isso? Mamãe e papai nunca deixam a gente dormir até mais tarde.” Fiquei me questionando.

A casa estava bem bagunçada, com caixas para todos os lados, não dava nem para andar direito. Passadas algumas horas fomos almoçar, depois fui ajudar mamãe a colocar o restante das coisas nas caixas. As horas iam passando depressa, já estava na hora de dormir, o que eu não consegui. Só pensava na mudança e de como seria morar em um lugar diferente.

Acordei com o barulho do caminhão na porta de casa, levantei, esfreguei os olhos, e vi mamãe e papai colocando as caixas no caminhão. Fui até a cozinha e tomei café.

– Rosa, vá se trocar depressa. Acorde os seus irmãos, vamos sair daqui a pouco. – falou mamãe.

Fui até o quarto, acordei um por um, me troquei e fui ajudar mamãe a colocar as caixas no caminhão. Depois que todas as caixas já haviam sido pegadas e depois que todos estavam prontos, seguimos viagem. O percurso não foi tão longo, quando estávamos chegando na cidade, perguntei à papai o nome, ele me respondeu dizendo que havíamos chegado em São Mateus, e que era o

lugar em que iríamos morar. A cidade era pequena, bem diferente da capital, e a nossa casa era um pouco maior. Arrumamos todas as coisas, e pouco a pouco, as caixas foram ficando vazias.

Os dias foram passando, e as minhas férias já estavam chegando ao fim, mamãe nos matriculou em uma escola que era um pouco distante de onde morávamos. Na escola em que estava estudando, fiz amizade com uma menina chamada Rogéria, à partir daí, não nos desgrudávamos mais, ela passou a ser a minha confidente, a pessoa que sabia de todos os meus segredos, e a pessoa das quais eu também sabia todos os segredos, onde uma frequentava a casa da outra.

Mas em uma manhã de quinta, na manhã mais cinza que já tive em toda a minha vida, uma coisa muito triste aconteceu com a minha amiga Rogéria, justamente com a minha amada amiga. Quando estávamos indo embora, ao atravessar correndo a rua que era bastante movimentada de carros, Rogéria ficou tonta e caiu no chão, eu já tinha atravessado, mas quando eu ia voltar para ajudá-la, o sinal do semáforo ficou verde, não deu para voltar, só vi quando um carro em alta velocidade, atropelou Rogéria, que não aguentou e morreu ali mesmo. O meu desespero foi tão grande, que eu não sabia o que fazer. Fiquei dias no quarto, não queria fazer nada.

O que fez com que eu ficasse mais abalada emocionalmente, foi a ida de papai para uma fazenda, onde ele ficava cuidando dos gados de um senhor chamado Guati, que era um fazendeiro muito rico e que tinha várias cabeças de gado. Ele era o melhor amigo de papai, os dois eram bem próximos.

Foi a partir daí que as coisas começaram a ficar mais complicadas. Com papai ficando fora, não tínhamos muito o que comer. Mamãe estava sempre tentando arrumar alguma coisa para comermos.

– Joana e Rosa, venham aqui. – chamou mamãe.

– Sim. – respondi.

Eu e Joana fomos ao encontro de mamãe que estava no quarto.

– Olha meninas, vocês terão que me ajudar nos afazeres de casa, a limpar, a cozinhar e até a cuidar dos seus irmãos. – falou mamãe.

– Eu imagino como é difícil perder alguém na vida minha filha, mas precisamos ser fortes, você precisa ser forte e ajudar mamãe. Eu estou aqui para o que você precisar. – continuou falando, mas dessa vez olhando para mim.

Enquanto eu olhava para mamãe, vi os olhos dela se encherem de lágrimas, estava nítido, que ela queria chorar, mas estava se segurando para não fazer isso na nossa frente.

Foi então, que eu a abracei, foi um abraço tão forte, que me fez sentir a pessoa mais segura do mundo. Desse dia em diante, eu comecei a me sentir uma adulta, uma mulher em um corpo de criança. Mamãe conseguiu um emprego, saía de madrugada para ir trabalhar. Joana acordava para fechar a porta quando mamãe saía, e eu acordava cedo para fazer algo para Marinalva e Juninho comerem.

– Quando papai vai voltar? – questionava Juninho.

– Eu estou sentindo saudades dele. – falava Marinalva já chorando.

E os dois começavam a chorar, eu tentava falar algo para aliviar, mas não adiantava. Me segurava para não chorar também, assim como mamãe fazia, eu também sentia muitas saudades de papai, todos sentíamos.

Assim que os meninos iam para a escola, Joana limpava a casa, e eu ficava responsável pelo almoço. Eu não sabia fazer muita coisa, mas sabia bem mais que Joana. Ela sempre deixava algo queimar, o que não era bom, pois tínhamos que economizar bastante, a única renda que estava entrando na casa era de mamãe.

Quando mamãe chegava do trabalho, a alegria tomava conta, todos iam correndo para abraçá-la. Ela descansava um pouco, e logo ia fazendo a janta.

Antes de mamãe se levantar para ir ao trabalho, alguém bate na porta, fazendo com que todos acordem assustados. Mamãe se levanta e vai em direção a cozinha, pega a vassoura e fica atrás da porta.

– Quem é? – pergunta mamãe.

– Sou eu Maria, Zé. – responde a voz vindo do lado de fora.

– Quê? Papai? – pergunta Juninho.

Marinalva e Juninho saíram correndo e gritando, Joana também se levantou, eu fui a última. Mamãe abriu a porta, e viu papai chorando, ela ficou desesperada perguntando o que havia acontecido, o porquê daquele choro.

Papai só soluçava, não conseguia falar. Depois de alguns minutos, ele conseguiu. Pediu desculpas a mamãe, e aos quatro filhos, e falou que o seu melhor amigo, o fazendeiro Guati havia morrido. Aquilo me tocou bastante, eu abracei papai tão forte, que também comecei a chorar, a frase que mamãe me falou, eu falei para papai.

– Eu sei como é difícil perder alguém na vida papai, mas como mamãe me falou, precisamos ser fortes, o senhor precisa ser forte. Nós sempre estaremos aqui para o que senhor precisar.

Papai me olhou, acariciou o meu rosto e deu uma risadinha.



## *Memórias*

*Beatriz Filipini Bastianello*

É difícil dizer ao certo quando tudo começou, desde muito cedo já não me sentia amada. Desde o ventre, quem deveria ser mãe para amar e cuidar, já tentava ceifar a minha vida, antes mesmo de ter a oportunidade de me conhecer. Vim ao mundo e precisei me virar desde cedo, andava por tantas casas, abandonada. Me olhavam com pena na escola, na rua, e até mesmo na família. Vivia de roupas usadas e de migalhas de parentes, mas não me lembro de compreender que passava por tantos desafetos e que era vista e tratada daquela má forma, era uma criança com dificuldades na escola e até de relacionamentos, mas para mim aquela era a vida comum, só quem via as coisas por outro lado entendia que eu vivia numa miséria e que foi uma má sorte minha estar naquela situação.

Fui crescendo e conhecendo a vida sozinha, os amigos me ensinaram todos os segredos, tudo aquilo que era novidade, era bom, que os jovens faziam. Passei por várias experiências na noite, drogas, porfias e prostituição, mas percebi que não queria me tornar nada daquilo que todos aqueles que seguiam esse rumo se tornavam.

Foi então que comecei a trabalhar, ainda bem jovem, mesmo sem terminar os estudos, já precisava custear algumas coisas básicas, mas que eu nunca tive contato. Lá eu conheci o Mauro, parecia minha esperança após ter consciência para entender o que me sobreveio desde nova. Ele era alto, moreno, cabelo escorrido pelo rosto, olhos esverdeados, um pedaço de mal caminho! Apresentou para mim um mundo que eu não conhecia, sucesso na vida acadêmica, nos relacionamentos, prazer, riquezas e boa vida, foi isso que o papo dele me fez acreditar, enchia o peito para dizer de sua história de serviço, de sua boa escolha na faculdade. Eu poderia ter uma nova história ao lado dele?

Logo me chamava para sair, me buscava onde quer que eu estivesse, parecia gostar de mim, e eu tentava me apaixonar por ele. Achava ele o máximo

quando falava de si mesmo, era difícil entender o que me fazia acreditar em algo que nem surpreendente era.

Demos alguns beijinhos e logo ele conheceu a minha história, não pareceu ficar tão surpreso, apenas aceitou. Minha avó e irmã também o conheceram e se encantaram, ele parecia realmente ser o máximo! Logo nos casamos, e mesmo tendo pequenos avisos anteriores que ignorei, o conto de fadas começou a se desfazer. Pequenas mentiras antes contadas, posses e dinheiro, olhares e comentários feitos a pessoas próximas, mas continuava ignorando pois ele era a tradução da minha vida nova, aquela desgraça em que eu vivia ficou para trás porque ele me amou.

Foi com um ano e três meses que o pesadelo começou, vi no celular algumas mensagens com números desconhecidos, parecia em códigos, eu ficava desconfiada, mas era incapaz de perguntar pelo medo de perdê-lo. Se seguiram várias atitudes suspeitas e sumiços inexplorados, acredito que ele não fazia muito para esconder. Até que em um desses sumiços, eu estava no supermercado pensando em todas as injustiças e sofrimentos, fui atrás dele, tentando ligar por várias vezes, decidi passar na casa da minha irmã para desabafar, contar que eu já estava infeliz e que não sabia o que fazer. Porém, eu não esperava chegar lá e ver a cena que me machuca até hoje, minha irmã e Mauro, na cozinha... eles nunca imaginaram que eu estivera ali aquela noite, descobrindo assim a traição dobrada.

Logo, ganho uma sobrinha, sem muitas explicações sobre o pai. Não tive coragem de perguntar e nem desabafar sobre todo esse caso, mesmo vendo que a criança que nasceu era a cara do meu dito esposo, a quem eu já me relacionava por obrigação.

Me fingi de cega, fingi muitas aparências, e talvez por isso esteja nessa situação hoje, escrevendo após tomar minha terceira doze diária de antidepressivos, morando com minha amiga, a minha única, minha mãe, quem diria!



# *CRÔNICAS*



## *Uma crônica*

*Saulo F.R. Vieiras*

Hoje eu acordei cedo, as 7 horas. Sete zero e zero, nem um minuto a mais ou a menos. Sete horas. Não que isso signifique de fato alguma coisa. Mas a impressão de acordar sozinho como se houvesse algum despertador me deixa indignado. Eu sempre acordo depois das oito, e com muito esforço.

Estava meio frio e me permiti ficar mais alguns minutos debaixo da coberta. Não aguentei. Levantei e fui tomar meu café. Não havia café. Fui beber água, e como de costume olhar para o vazio além da janela .

Minha mãe adora as suculentas, as plantinhas da família Crassulaceae, talvez seja uma tendência entre as mães de hoje em dia, não tenho certeza, mas também minha mãe adora colocá-las em pequenos vasos decorados, este, na janela, em especial era feito de espelhos. Pois curiosamente havia um pequeno passarinho, um pequeno *Coereba flaveola* se não me engano, naquele pequeno pedaço de espelho, e com certo desespero tentava fazer um não sei o que com o seu reflexo. A um certo olhar parecia estar lutando uma batalha territorialista ali, mas a outro parecia estar loucamente tentado acasalar. Imaginei comigo mesmo, que tolo! Será que não percebe estar sendo iludido pelo seu reflexo? Será se um dia irá perceber que tolamente fora enganado e sentirá vergonha de si quando ver novamente sua imagem em outro espelho? Eu compadecido com a pobre criatura fui lá espantá-lo, ninguém merece essas ilusões inoportunas.

Vou tomar meu banho, passar um café, comer uma fatia de pão, e assistir desinteressadamente um documentário qualquer na Tv. E me pego pensando que não diferente daquele pássaro vivemos nos iludindo pelos nossos próprios reflexos. A imagem projetada de nossa existência, um idealismo que nos afasta do que realmente somos, e eu me senti imensamente inferior aquele ser que nem sequer sabia o que é um espelho ou o existencialismo.

Eu do sofá olho pela janela e lá está o pequeno, novamente atrelado em sua batalha contra si mesmo. Levanto, novamente o espanto e retiro da janela o pequeno vaso espelhado.

The page features decorative teal shapes at the top and bottom. The top shape consists of a light teal rectangle on the left and a darker teal shape on the right, with a wavy line separating them. The bottom shape is a similar composition with a light teal rectangle on the left and a darker teal shape on the right, also with a wavy line.

# *POESIAS*

*Excesso de coragem.*

*Milena Pagiola Paz*

você não quer que eu vá  
mas me deixou ir  
você prefere os cognatos da vida  
é a escolha da vida mais fingida  
é mais fácil de fato, porque você não tem coragem  
para uma vida mais selvagem  
a dor não vai embora  
viva a vida a fora.

*Descontrolado em tranquilidade.*

*Milena Pagiola Paz*

Tem gente que de só dá um sorriso nos trás aquela calma no coração. Mas ela.. ela tem algo diferente. Como pode um coração se descontrolar ao mesmo tempo que sente calma? É esse o efeito que ela tem sobre mim. Essa bonança é descontrolada. O jeito dela me fascina, e é incrível. O rosto dela, os olhos, a boca, tudo.. ela é a paz em pessoa. a paz que domina meu coração. Ela está pegando todo o lugar dele. Ela é o fogo interno dentro da pessoa e eu não me importo de queimar junto.

## *Liberdade*

*Saulo F.R. Vieiras*

Voa...  
Voa...  
Voa, meu amor  
Que o mundo lhe pertence  
E o meu é pequeno  
Não lhe cabe a imensidade  
Que ocupas em meu coração  
É outra a sua realidade  
E você viverá bem  
E eu seguirei meus caminhos  
Talvez lá na frente  
Você se lembre  
De quem um dia foi

*(sem título)*

*Saulo F.R. Vieiras*

A vida é uma descerteza daquelas que  
se acham no fundo do quintal  
Amontoada de tal forma tralha, que  
me parece mais uma aranha, aquelas bem cabeludas  
No fundo do quintal tem uma desverdade  
fecunda como na inocência de pequeno  
Me põe para fora do muro  
caí no abismo do mundo

*(haikai)*

*Saulo F.R. Vieiras*

A espera me parece eterna  
Passo horas a fio  
Conto os segundos de teu sorriso

*(haikai)*

*Saulo F.R. Vieiras*

A vida tem disso  
Meandros e labirintos  
Que me levam a você